

A psicanálise na fortuna crítica da obra clariceana

Elisabete Ferraz Sanches¹

Resumo

A crítica inaugural da obra clariceana já assinalava a tendência psicológica dos escritos da autora, como Antonio Candido que considerou *Perto do coração selvagem* uma obra “capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente”. Roberto Schwartz também explicitou a “sensibilidade da autora para os pequenos indícios e para os meandros psicológicos”, e Sérgio Milliet salientou a capacidade da autora de penetrar a complexidade psicológica da alma moderna, alcançando em cheio o problema intelectual e “virando do avesso uma vida eriçada de recalques”. O interesse pelos escritos de Clarice Lispector extrapola o campo da crítica literária, Renato Mezan, psicanalista, na coletânea *Os sentidos da paixão*, propõe um estudo acerca da inveja a partir de um conto da autora, “A legião estrangeira”, assim como Mario Eduardo Costa Pereira, também psicanalista, finaliza seu livro *Pânico e Desamparo* com uma análise de *A paixão segundo GH*, a qual ilustraria a explicação dada a respeito da orientação do ser para o Nada e o estado de pânico. Enquanto os textos claricianos são lidos pelos psicanalistas a fim de corroborar ou ilustrar suas teorias, o olhar crítico literário parte do texto a ser investigado que suscitará, ou não, uma análise com fulcro de psicanálise. É o caso de Yudith Rosenbaum, *Metamorfoses do mal*, com escopo na temática do sadismo em alguns escritos claricianos, valendo-se do instrumental psicanalítico para tanto. O objetivo dessa comunicação será, portanto, apresentar a pesquisa de leituras feitas por psicanalistas e críticos literários que privilegiaram a psicanálise como arcabouço teórico de suas leituras para, então, discutir os diálogos possíveis entre a obra da autora e a teoria inaugurada por Freud.

Palavras-chave

Literatura; Clarice Lispector; Psicanálise

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo e mestra em Letras pela mesma instituição (2012).

O primórdio da aproximação de Literatura e Psicanálise pode ser atribuído ao próprio fundador desta última, Sigmund Freud que, como intérprete atento à linguagem e admirador de autores consagrados como Boccaccio, Cervantes, Horácio e Homero, propôs leituras psicanalíticas de obras cujo conteúdo literário não apenas o inspirou a reflexões acerca do funcionamento psíquico, como também ilustrou inúmeras explicações teóricas, inclusive batizando-as, como é o caso do Complexo de Édipo a partir da tragédia de Édipo rei.

Em *Freud e os escritores*, J.B. Pontalis e Edmundo Gómez Mango exploram a presença da literatura na obra freudiana – especialmente citações de trechos de escritores apreciados por Freud, como Goethe, Schiller e Shakespeare – e também revelam a relação de amizade, pelo menos intelectual, entre o vienense e alguns dos autores cujas obras Freud leu ou analisou, como é o caso de Wilhelm Jensen, Schnitzler, Romain Rolland, Stefan Zweig e Thomas Mann. Assim, verifica-se que a principal interlocução de Freud em sua época não se efetivou com a classe médica, seus neurologistas e psiquiatras, mas com a literatura e seus escritores.

Para o professor e crítico Bellemin-Noël (1983, p.19), “ler com os óculos de Freud” é ver “aquilo que ela [literatura] diz sem o revelar, porque o ignora; ler o que ela cala através do que mostra e porque o mostra por este discurso mais do que por outro”. Na leitura praticada por Freud, portanto, não se ignora a entrelinha, sendo necessário considerar o não dito, cujo acesso só pode ser dado pela letra, já que é ela quem sugere, embora não diga. As palavras de Bellemin-Noel sobre a análise freudiana parecem convergir com o discurso da narradora de *Água viva*, de Clarice Lispector, que, na conhecida passagem da pesca milagrosa², considera a palavra como sendo uma isca para pescar a não-palavra, a entrelinha: o que não está dito revela-se. Nunca se diz exatamente o que se está dizendo, é preciso “captar essa outra coisa” e buscar o que não está escrito, mas

² “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente. (...) O que falo nunca é o que falo e sim outras coisas. (...) Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso” (LISPECTOR, 1998, p. 20-28).

sugerido pela linguagem-isca.

Bellemin-Noel aponta para diferentes vieses de leitura em se tratando da relação entre literatura e psicanálise: quando o indivíduo lê, pode estar lendo a si mesmo, o inconsciente, o Homem, um homem, ou pode ler o texto, numa leitura hermenêutica e temática cujo foco central é a letra. O que o autor defende, então, é que “ler uma ficção com os olhos da psicanálise permite ao mesmo tempo oferecer ao texto uma outra dimensão e observar a escritura na sua gênese e no seu funcionamento”; assim, a literatura ganharia um “sentido complementar” e não redutor: não há a intenção de fechar a interpretação da obra como um caso resolvido, trata-se de propor uma leitura que ilumine a obra por um outro viés.

No caso proposto aqui, o interesse pela obra clariceana extrapola o campo da crítica literária que privilegia a presença de elementos estruturais, sociais e históricos em suas análises. Tem-se, então, psicanalistas como Renato Mezan (1987, p.117-118) que, na coletânea *Os sentidos da paixão*, propõe um estudo sobre a inveja e, para explicá-la, lança mão do conto “A legião estrangeira” de Clarice Lispector. A partir da descrição de Ofélia, personagem da narrativa, Mezan, sempre preocupado com a literariedade do texto, esmiúça o conceito de inveja a partir das palavras clariceanas que narram as reações emotivas da pequena menina encantada pelo pintinho avistado no apartamento da narradora. Segundo ele, a cena aponta para os principais aspectos da inveja, presentes nas expressões “do instante em que involuntariamente”, “quase pensara”, “eu também quero”, “a escuridão se adensara no fundo dos olhos”, detalhadamente explicadas por Mezan para o desenvolvimento de sua metapsicologia da inveja. Semelhantemente, Mario Eduardo Costa Pereira (2008, p. 358), também psicanalista, finaliza seu livro *Pânico e Desamparo* com uma análise de *A paixão segundo GH*, na qual afirma que essa obra, e o texto “Rumo ao pior”, de Samuel Beckett, analisado por ele em consonância com o escrito clariceno, “ilustram de modo claro” toda a explicação dada anteriormente a respeito da orientação para o Nada e o estado de pânico, isto é, a busca persistente para alcançar o inominável, o desconhecido, o nada – busca esta comparada a aspectos da

experiência da clínica psicanalítica.

Enquanto os textos clariceanos são lidos pelos psicanalistas com maior interesse para corroborar ou ilustrar suas teorias e, portanto, colocando a teoria em primeiro plano e a obra literária em segundo, o olhar do crítico literário parte sempre do texto a ser investigado, jamais da teoria psicanalítica. É o que pode ser lido no estudo de Yudith Rosenbaum, *Metamorfoses do mal*, no qual a estudiosa, valendo-se do instrumental psicanalítico, sugere uma leitura com escopo na temática do mal, especialmente do sadismo, em alguns escritos de Clarice Lispector, tais como *Perto do coração selvagem*, “Os desastres de Sofia”, “Felicidade clandestina”, “Obsessão”, entre outros.

A crítica inaugural da obra clariceana já apontava para a atenção dada à introspecção e subjetividade pelos escritos da autora. Antonio Cândido (1970, p. 127-129), em “No raiar de Clarice Lispector”, de 1944, considera *Perto do coração selvagem* não como uma aventura ficcional, “mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente”, labirintos estes caros à psicanálise. Pode-se perceber, então, que os escritos clariceanos e o saber psicanalítico convergem e dialogam entre si. Essa é uma constatação reiterada em diversos estudos de críticos literários consagrados bem como de psicanalistas. Assim sendo, torna-se importante debruçar-se sobre o tema, tanto para o seu mapeamento quanto para sua análise crítica.

O objetivo deste trabalho é, assim, apresentar a pesquisa bibliográfica de leituras que privilegiaram interpretações com fulcro no saber psicanalítico como arcabouço teórico, escritas seja por estudiosos da literatura, seja por psicanalistas. A partir do levantamento bibliográfico, o foco é problematizar tais leituras a fim de discutir seus limites, considerando o enriquecimento – ou empobrecimento – que tais interpretações podem trazer à leitura de Clarice Lispector.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. “No raiar de Clarice Lispector”. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1983.

FREUD, Sigmund. “Dostoiévski e o Parricídio” (1927). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. XXI.

_____. “O futuro de uma ilusão” (1930[1929]). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXI.

_____. “O mal-estar na Civilização” (1930[1929]). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. XXI.

_____. “Moisés e o monoteísmo” (1939[1934-1938]). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXIII.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MEZAN, Renato. “A inveja”. In: Cardoso, Sérgio. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, pp. 117-140.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 2008.

MANGO, Edmundo Gomes; PONTALIS, J.-B. *Freud e os escritores*. 1ª Ed. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

ROSENBAUM, Yudith. *Metamorfoses do Mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 2006.